

EIXO TEMÁTICO 6 – ARQUITETURA VERNÁCULA, MATERIAIS, TECNOLOGIA, TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS

TRANSFORMAÇÃO E DEVIR DE UMA ARQUITETURA SERTANEJA

A casa de forquilha Xakriabá

MATTOS CORREA, ADRIANO (1); BORGES LISBOA, ARTUR (2)

1. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Projetos
Rua Capelinha 466, apto 321 Serra, Belo Horizonte - MG
adrianoarquiteto@yahoo.com.br

2. Universidade Federal de Minas Gerais Rua Estrela do Sul 254,
Casa 2, Santa Teresa, Belo Horizonte- MG artur.lisboa@gmail.com

RESUMO

A Etnia Xakriabá, maior povo Indígena do Estado de Minas Gerais desde a colonização até que houvesse a demarcação de seu território pelo órgão federal responsável (FUNAI) experimentou conflitos e relações interculturais que promoveram inúmeras transformações no âmbito da cultura tradicional. Essas transformações atingiram, com um grau de notável percepção a cultura construtiva e seus modos. E mesmo depois do reconhecimento e demarcação da terra novas outras práticas e técnicas construtivas se desdobram na configuração contemporânea da habitação nesse Território. No curso dessas transformações a cultura Xakriabá foi se adequando à realidade dos dias, prezando pela manutenção simbólica do que se valorou como tradicional. O que ocorreu na implementação do Projeto de Melhoria Habitacional Para o Controle da Doença de Chagas da Fundação Nacional da Saúde (FUNASA) , que é guia de um processo de transformação de um tipo arquitetônico, tanto nos aspectos formais e materiais quanto, nos modos de uso e práticas cotidianas relacionadas a construção. O que produziu interferências alienígenas na paisagem, nas práticas e nas técnicas construtivas tradicionalmente produzidas em uma das Aldeias do Território indígena Xakriabá (TIX). Consequente a imposição exógena as famílias alvo dessa política reagiram a iniciativa reverberando outros tipos arquitetônicos na junção de técnicas construtivas tradicionais com a imposta pelo programa do Estado. A partir dessa transformação em curso é que se busca o aprendizado da valoração dos aspectos formais e cotidianos, na observação e escuta do que esses sujeitos alteraram ou não nas arquiteturas hegemônicas impostas por esta circunstância. E assim desvelar processos do movimento da cultura arquitetônica envolta a esse povo, na percepção da manutenção simbólica e somática e dos anseios de indivíduos e da comunidade indígena, apoiados na memória, na cultura e nos seus símbolos serventes.

Palavras-chave: Arquitetura indígena, Interculturalidade, Habitar, Cultura.

INTERCULTURALIDADES HISTÓRICAS DO POVO XAKRIABÁ

Traduzir a história do povo indígena Xakriabá é também um exercício de compreensão de sua cultura e especialmente no que tange aos aspectos habitacionais. Sabe-se que desde o Séc.XVII a Etnia passou e ainda passa por processos transformadores do âmbito cultural. Assim analisar seu histórico, permeado de interculturalidades algumas vezes bélicas, é observar as transformações que se aplicam sobre esse povo a partir das relações que perpassaram seu território simbólico.

Os Xakriabás são habitantes da maior terra indígena de Minas Gerais, na região do parque do Peruaçu no norte do Estado, porém historicamente reconhecidos por habitar o centro brasileiro.

“Historicamente, os Xakriabá estão relacionados aos movimentos colonizadores no alto-médio São Francisco, no norte de Minas Gerais. Um documento outorgado pelo bandeirante paulista Januário Cardoso de Almeida, na qualidade de “Deministrador do Indios da Missão do Snr S. João do Riixo do Itacaramby” (Certidão Verbum-Adverbum – Uma doação – anexo 1), definiu limites das terras ocupadas pelos índios numa carta de doação, protocolada em Cartório, no ano de 1728. Junto com a definição dos limites territoriais, o bandeirante ordenou para que se “ajuntassem” todos os índios que andavam para fora da Missão, para que fossem doutrinados, não furtassem os fazendeiros e virassem trabalhadores de suas fazendas.” (OLIVEIRA,2008,p.12)

“*Ajuntar*” os povos indígenas que ali estavam para doutrinação e escravização já em 1728 assegura uma natureza material para o assentamento sem qualquer precedente étnico, ou cultural. E com o viés colonizador que o termo “*Ajuntar*” acarreta possivelmente ali aconteciam transformações e resignificações do território e seus símbolos.

Só a partir do séc XX que os Xakriabás demarcam e homologam suas terras juntos ao órgão responsável neste período, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A homologação ocorre concomitante à chegada da Fundação Rural Mineira Colonização e de Desenvolvimento Agrário (RURALMINAS). Que levou a Etnia a mobilizar apoio para a proteção do território e de sua identidade étnica com a tutela do Governo Federal via FUNAI.

“A RURALMINAS chegou aqui fazendo um cadastro, uma taxa de ocupação do pessoal. Aí chegaram, cercaram e instalaram uns registros, picaram no pé dessa terra aqui todinha. Essa aqui foi fazendeiro que tomou de mim. Isso daqui o fazendeiro derrubou essa mata tudo em um ano, daqui lá mundo novo, mundo novo tá lá bem baixo.” (EMÍLIO apud, OLIVEIRA , 2008 p.43)

“Durante dez anos os Xakriabá se empenharam em comprovar sua identidade para o reconhecimento de suas terras perante a FUNAI que, apesar de reconhecer o território como indígena e estes como remanescentes do mesmo, oscilava entre duvidar que estes eram de fato índios ou justificar que estavam perfeitamente integrados” (SANTOS, 1994, p.10 apud CLEMENTICO MONTE-MOR, 2006, p.05).

Mesmo com a demarcação da terra indígena em 1979, quase metade do território estava ocupado pelos fazendeiros.

No entanto, mesmo depois da homologação da terra em 1979 as violências e coerções continuaram sobre esses índios até 1985 quando, segundo dados do CIMI, 47% de suas terras ainda estavam ocupadas irregularmente. “(Sanches, 2014 p.70)

Consequente a insistência dos agropecuaristas ocorreram insurgências dos Xakriabás lideradas sobretudo por Rosalindo Gomes de Oliveira. Essas iniciativas foram extremamente importantes para frear o agronegócio que se alastrava pelo território e homologar a terra para uso exclusivo dos Xakriabás. Porém a partir destas insurgências graves situação ocorreram, e a mais forte delas uma chacina em 1987.

“Rosalindo acabou sendo assassinado em 1987 por um grupo de homens armados que invadiram a reserva durante a noite e atiraram, inclusive, em sua esposa e filha. Nesta época, eles contam que era necessário sair sempre em grupo para trabalhar na roça ou qualquer coisa que fossem fazer, com o risco de serem agredidos ou mesmo mortos pelos fazendeiros. “ (Sanches, 2014 p.70)

“Devido, principalmente, à repercussão causada pelo assassinato de Rosalindo, a partir de 1988, o governo federal se posicionou ao lado dos índios, colocando a Polícia Federal e Procuradores da República no apoio à missão de expulsar os invasores das terras. “ (Sanches, 2014 p.70)

Mesmo com a vitória relacionada à RURALMINAS, o território indígena Xakriabá se partiu em dois, já que uma parte que também habitavam indígenas da Etnia não foi incluída na política de Homologação da FUNAI.

Primeiramente, o território homologado contava com 46.415 há, sendo que em 2003 conseguiram anexar à terra indígena mais 6.798 ha referentes a aldeia de Rancharia. Somando-se, o território atual possui, mais ou menos, 53.000 ha, área esta que corresponde a cerca de um terço do território doado e historicamente herdado pelos Xakriabá.” (SANCHES,2014 p.70)

“Em 2007, completaram vinte anos que os Xakriabá foram definitivamente reconhecidos pelo Estado brasileiro como uma comunidade indígena. Contemporaneamente as lideranças indígenas, seus aliados e mesmo opositores regionais reconhecem que, neste período, o povo Xakriabá viveu transformações profundas em sua estrutura social e política, ritmadas por um intenso processo de reformulação cultural. A Sociedade Indígena Xakriabá constitui hoje um complexo modelo de unidade etnopolítica no cenário regional. (OLIVEIRA,2008,p.13)

Porém mesmo com esta parcela do território demarcada e homologada a população Xakriabá ainda se manteve longe das margens do Rio São Francisco, e portanto longe de um território que até o Séc. XVII estavam acostumados a viver.

“hoje estamos lutando para ampliação do território que vai dar acesso para nós Xakriabá ao Rio São Francisco e também irá garantir os futuros das nossas crianças.” (BIZERRA, 2018, p.10)

“como que nossas crianças vão aprender a nadar se não temos o rio para que eles aprendam, como que eles vão aprender a pescar, pois não temos lugar para ensinamos?” (DOMINGOS, Cacique Apud BIZERRA,2018)

As moradias tradicionais e a casa de forquilha



Figura 1 - Casa pintada de toá de Dona Libertina, mestra das pinturas e moradora da aldeia caatinguinha,2002

Fonte: PEREIRA,2003 p.

Como menciona Edmar Bizerra, educador Xakriabá em seu Trabalho de conclusão de curso:

“As moradias tradicionais Xakriabá são casas muito simples, em se tratando de modernidades, com cama de varal, colchões de palha de bananeira, fogão a lenha e cobertura de capim. Elas não têm energia elétrica, fogão a gás, sofá, geladeira; não possuem piso com cerâmicas, pinturas industrializadas, entre outros. Porém, possuem **uma grande riqueza de**

conhecimentos e técnicas própria desse povo indígena, que veio passando de **geração em geração**.” (BIZERRA,2008,p. 14)

Entende-se assim os saberes tradicionais como aqueles de natureza oral e passados pelas gerações e que acoplam a noção das arquiteturas nesse campo do conhecimento. A esposa de Bizerra, Sandra Fernandes, também aborda a temática habitacional Xakriabá em seu Trabalho final de conclusão do curso de Educadores Interculturais Indígenas (FIEI-UFMG), “Modos de Construção Xakriabá nas Aldeias Barreiro e Caatinginha” de 2014. Nesse se discorre sobre as telhas que antes eram feitas de sapé (folhas de coqueiro ou buriti) ou artesanalmente em cerâmica, e que agora são compradas da indústria da construção civil.

A mudança nas maneiras e nas matérias para o construir está também relacionado às casas de alvenaria, que construídas pelas políticas públicas sanitárias e habitacionais adentram, com certa resistência, às práticas cotidianas como comenta Edmar Bizerra:

“Hoje, temos também em nosso território casas construídas por programas habitacionais do governo. Essas casas já vêm com seus próprios modelos, sendo que muitos indígenas não se acostumam com o formato dessas moradias, pois elas não oferecem o conforto, a simplicidade e a liberdade que tem a casa tradicional.” (BIZERRA,2018,p.48)

Bizerra aponta alguns dos motivos dessa mudança como a escassez dos materiais utilizados antigamente e que pela estreita proximidade da etnia com os fazendeiros e grileiros de terra teve como consequência o desmatamento das florestas do cerrado, levando e a escassez de muitas matérias importantes.

Edmar ainda cartografa esses materiais e o tratamento necessário para cada um na proposição de retomar os antigos costumes construtivos partindo das matérias em falta no território. O trabalho de Bizerra é em si um registro sobre a necessidade de se *retomar* uma prática cultural, e importa mencionar que as *retomadas culturais* que seu trabalho se refere é uma das práticas de restauração e conservação da cultura que vem se passando algumas vezes atreladas sob o espectro da educação intercultural indígena e seus protagonistas.

“Com um enquadramento mais amplo, não que parte da escola, encontramos diferentes práticas que os Xakriabá chamam de retomada ou levantamento da cultura, e que Santos. (2010) abordou em seu trabalho sobre o entendimento do conceito de cultura dos Xakriabá.” (CARNEIRO, 2000, p.477)

“Na medida em que buscam levantar a cultura, os Xakriabá constroem simultaneamente sua forma e conteúdo, o conceito e aquilo que ele define.” (Santos, 2010,p.82)

A preocupação com as *retomadas* das maneiras tradicionais de morar presente no trabalho de Bizerra sugere que pela escola seria um dos jeitos para este logro. As escolas indígenas situadas nas Aldeias abordam conteúdos formais embasados nas práticas da cultura, com professores que são indicados pela comunidade por serem bons nas práticas e conhecimentos culturais.

“Sendo constatado que as casas tradicionais Xakriabá estão diminuindo cada vez mais e, com o passar do tempo, podem ficar só na história, resolvi falar desta tradição neste trabalho de percurso porque ela é muito importante para nosso povo, pois faz parte do nosso modo de vida. Espero que através deste trabalho, que é um registro escrito e gráfico, eu possa contribuir para manter viva esta grande sabedoria do nosso povo. O desenvolvimento desse trabalho também contribuirá para aperfeiçoar os poucos conhecimentos que tenho sobre as nossas moradias tradicionais e acredito que este trabalho possa ser compartilhado nas nossas escolas, para que nossos alunos possam fortalecer ainda mais seus conhecimentos sobre a cultura do nosso povo.” (BIZERRA, 2018, p.8)

AS FURQUIAS, ESTRUTURA CONSTRUTIVA E SIMBÓLICA DE UMA MORADIA DE ANTIGAMENTE

A nomenclatura que se utiliza para o procedimento estrutural da casa aqui estudada é forquilha ou furquia, e se trata de um termo que se escutou bastante entre os mestres e mestras, e dos que estiveram juntos, nas experiências de construção na Faculdade de Educação da UFMG e na Aldeia Caatinguinha. Não é um nome oficial pois também a chamavam de casa de enchimento (*ou inchimento*), e de *adobo* (que também se utiliza a forquilha) e provavelmente há outros.

Essa nomenclatura aponta ao procedimento de apoio dos principais pilares e a *terça/cumeeira* da edificação. A forquilha é descrita em alguns livros sobre tecnologias indígenas, e toma-se a edição de Berta Ribeiro (Org.) da *Suma etnológica brasileira* em que no capítulo Habitação Indígena Brasileira a Forquilha está presente. Os autores descrevem a Forquilha como um dos jeitos de amarração, ou o conjunto de procedimentos técnicos utilizados para fixar elementos construtivos na estrutura ou no revestimento, como um galho único com a forma de “V”

No caso da Aldeia Caatinguinha, a Forquilha é também um dos principais jeitos de fixação dos elementos estruturais nas construções tradicionais. E como comenta Edmar Bizerra a escassez de materiais devido ao histórico da etnia levou a transformações nos manejos tecnológicos das habitações tradicionais Xakriabá. E a Forquilha é um desses elementos que se transformaram sem perder o antigo jeito de pensar essa estrutura. Em representação a Forquilha de Edmar se parece mais com ao entalhe-engaste que descrevem Fenelon e Malhano, apesar de terem o mesmo sentido estrutural dentro do campo das forças de apoio.

Isso se deve ao fato de o arranjo de galhos de antigamente não precisar ser entalhado para ser Foquilha, eles eram tirados da natureza já como Forquilhas. Na apresentação do trabalho de Edmar, ocorrida na Faculdade de Educação da UFMG, perguntou-se à banca indígena do que afinal se tratava a Forquilha. Responderam com a expressão “*Estaca*”, *como as que colocam nas cercas, ou mesmo no envaramento que precede o enchimento de barro na técnica do Pau-a-pique* empregado na Casa de Enchimento. Portanto pode-se concluir que Forquilha para os Xakriabás é mais do que apenas um jeito de amarração, mas um elemento guia de alguns dos processos construtivos da etnia.

O TEMPO E O MOVIMENTO DA FORMA NA CASAS XAKRIABÁS

Para Amos Rapoport, arquiteto e estudioso das arquiteturas vernáculas em sociedades tradicionais:

“A casa, a Vila e a cidade expressam o fato de que as sociedades geralmente aceitam e compartilham certos objetivos e valores da vida. As formas das construções primitivas e vernáculas são menos o resultado de desejos individuais do que os objetivos e desejos do grupo unificado por um ambiente ideal. Estas sociedades, portanto, têm valores simbólicos, já que os símbolos servem a uma cultura, concretizando suas idéias e sentimentos.” (RAPOPORT,1969 p. 47 , tradução livre)

O senhor Valdomiro Fernandes Pimenta, que também é Xakriabá, menciona em relato sobre o desejo de se ter a casa tradicional e a memória da cultura com seus símbolos:

“eu quero faz de barro memo iguali aquela ali feitha né, porque a genthi é índio e a genthi precisa sempre demonstra sempre a cutura né, a genthi nunca pode esquecer isso ne.” (BIZERRA,2018 p. 14)

A fala transcrita de Fernandes resgata o que André Corboz afirma sobre os imaginários do território para sua possibilidade de existência, já que nenhuma estatística seria capaz de afirmar os valores simbólicos inerente aos territórios.

“Por ser um projeto o território está semantizado. É suscetível de discurso, Tem nome. Projeções de todo tipo se vinculam ao território, e estas o transformam em sujeito.” (CORBOZ,2005, p.28)

Rapoport ainda pontua que:

“forma da casa não é simplesmente o resultado de forças físicas ou qualquer fator casual único, mas é a consequência de toda uma série de

fatores sócio-culturais vistos em seus termos mais abreviados.”
(RAPOPORT,1969 p.47)

Já o antropólogo Sueco Erland Nordenskjöld (Apud. PORTOCARRERO,2010 p.45) Que analisa as intervenções coloniais sobre as arquiteturas tradicionais de povos indígenas da América do sul, aponta para um cuidado sobre essa análise. Segundo o autor, seria as arquiteturas um dos elementos mais alterados nos processos colonizadores destas sociedades. E para este cuidado com a Casa de Furquia é necessário desvelar o mais antigo tipo de habitação que a memória da comunidade Xakriabá registra para então aferir como a história política da etnia afetou os modos construtivos e habitacionais.

“O tipo de moradia mais antiga registrada na memória Xakriabá é a chamada casa beira chão. Esta casa é descrita como uma cabana, coberta apenas de palha ou capim, feita de caibros que vinham quase até o chão, que podiam funcionar como telhado e parede ao mesmo tempo ou fazer outro fechamento nas paredes internas. Essa casa era comprida e tinha uma planta retangular com um ambiente apenas. Para dormir eram feitos jiraus de madeira sobre os quais se colocavam esteiras feitas de taboa (uma planta aquática típica dos brejos e várzeas), preferida por ser mais macia e, portanto, mais confortável para dormir. No tempo da seca cozinhava-se debaixo das árvores e nas águas dentro da casa, o fogão também era feito sobre um jirau, coberto com barro e palha e durava muito tempo.

As palhas e capins mais citados foram: o capim —barba de bode, a —palha do coquinho e a taboa, mas usava-se também o sapê e a palha do buriti. Sobre este tipo de casa, quando bem feita, protege bem da chuva e é confortável durante a noite, porque mantém o calor, mas dependendo da época do ano juntava muitos animais e insetos como rato, barata, escorpião, chupão (barbeiro), pulga, carrapato, que ficavam no meio da palha, que além de atrapalhar o sono, —invadiam a comida. Outra questão é que se caso a palha não fosse colhida na lua certa, ela enchia de lagarta e tinha que desmanchar a casa.”(Sanches, 2014 p.156)

Catherine Gallois cita o termo **“arquitetura ecológica”** na introdução de seu livro como uma área que ela considera promissora.

“Não se trata de buscar na arquitetura indígena uma ‘fonte’ ou uma ‘inspiração’, mas sim um paradigma, buscando sempre entender os ciclos culturais-ecológicos que a compõe”.(Catherine Gallois, 2002 p.8)

Estes ciclos se dão em torno dos processos culturais, ecológicos e no manejo do território a partir das condutas de habita-lo à maneira dos que ali formaram comunidades.

“...as formas de organização territorial indígenas não podem ser desconectadas de sua organização social e de suas formas de manejo ecológico do território” (cf. GODELIER Apud GALLOIS, 1978)

Em outra ocasião, a casa Beira Chão volta a ser narrada já com ares das tecnologias e relações comunitárias, ou os *ciclos culturais-ecológicos* existentes. Em apresentação final de uma disciplina do FIEI lecionada pelo Arquiteto e Professor Adriano Correa, ocorrida no Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura da UFMG, em Setembro de 2016, um grupo de alunos Xakriabás apresentou o trabalho sobre uma mobilização na Aldeia Custódio em que se construiu uma casa Beira-Chão.

Um dos componentes do grupo realizou sua maquete e fizeram um vídeo sobre a construção desta casa, onde várias pessoas participaram. No relato da experiência os alunos confirmaram o que Deborah Sanches havia transcrito e acrescentaram diversas instâncias. Como a modificação ocorrida do cipó das amarrações, “*Antes era o de macaco e agora é o croatá*”, devido a escassez do antigo cipó. Também mencionaram que “*dentro há uma cama próxima a parede de barro, onde dorme o casal, e o fogão se faz fora*”. A mata e as cavernas também foram mencionadas pelos alunos como antigos jeitos de morar, presentes em abundância na TIX e principalmente em tempos passados por sua proximidade ao Parque (repleto de cavernas) do Peruaçu.



Figura 2 - Representações e presentificações de uma casa Beira Chão
Fonte: Autores, 2019

Sobre a escassez da matéria Rapoport não considera como definitivo para modificações na forma já que a substituição do material não necessariamente prevê a substituição da forma.

Assim, pode-se dizer que as modificações da antiga Casa “Beira-chão” que suscitaram na Casa de forquilha não provém apenas da escassez da matéria para sua construção, mas de forças que vão além, atuando nos corpos e no território em processos que vão do objeto aos manejos, em seu aspecto material e imaterial, adentrando a grande instância cotidiana da cultura.

Transformações que tateiam as necessidades contemporâneas de se habitar, de maneira intercultural, sobre a superfície de inúmeras camadas empilhadas com certos graus de transparência onde se observa rastros das camadas mais profundas do dinamismo da cultura. A Casa de forquilha mantém laços com a forma da casa “Beira-chão” e como Edmar Bizerra descreve é possível imaginar uma casa “Beira-chão” apesar de seu trabalho se tratar majoritariamente sobre a casa de Forquilha.

“Todas as casas tinham o mesmo padrão: retangulares, cobertura em duas caídas de águas e, geralmente com duas entradas - uma principal e outra de fundo. As aberturas - portas e janelas - podiam ter fechamento ou não. Em termos de altura, eram todas baixas, mesmo que as pessoas que nela morassem fossem altas.

Tradicionalmente, os materiais eram retirados da própria natureza como: materiais para estrutura da casa, amarrações, cobertura, enchimentos e pinturas. Elas eram feitas sem custo nenhum, em se tratando de recursos financeiros. E no processo de construção, os mais jovens aprendiam com os mais velhos sobre como construir as casas.” (Bizerra ,2018 p.14)

Também é possível atrelar o que Rapoport menciona sobre a multiplicidade de fatores que tangem o aspecto da escassez da matéria. No texto *Origens culturais da Habitação Popular no Brasil* (Apud BOTURA, 2010 p.46) de autoria do Antropólogo Luís de Castro Faria há menção sobre a forma e as alterações no desenho das habitações indígenas de acordo ao que estas apresentam em sua estrutura mais básica: parede e cobertura, ou a junção destas na Cobertura-parede.

Faria chama atenção para uma alteração importante no desenho das antigas habitações para as novas: a passagem do sistema Cobertura-parede (sistema também presente na casa Beira-chão) para construções em que as paredes são separadas e independentes da cobertura (Sistema também presente na Casa de Forquilha).

Para Faria esta alteração pode ser interpretada como o elemento externo e apropriado com maestria pelas culturas indígenas. O autor também faz menção a ausência completa de

janelas nas casas mais antigas, o que também ocorre com a Casa Beira-chão quando já se nota janelas e aberturas mesmo que pequenas nos registros sobre as Casas De Forquilha. De acordo com outros autores que Castro Faria recorre como esta alteração se trata diretamente da influência Européia, e que remonta as primeiras missões exploratórias dos Europeus no Brasil. Os Xakriabás que apesar de originários do Brasil Central como o mapa etnolinguístico de Kurt Nimuendajú expõe, estiveram desde o final do século 18 habitando uma das regiões onde pousou as primeiras missões jesuíticas, o norte do Estado de Minas Gerais. O que dá uma potência ainda maior ao aspecto de resistência e transformação para a existência da Casa de Forquilha.

“Acreditamos, além disso, que a ênfase na tradição, real ou inventada, notada em vários povos ou comunidades indígenas brasileiras, pode ter um caráter estruturador e de resistência cultural que a caracteriza como agente de adaptação a novas regras de vida, reforçando a identidade étnica e estabelecendo pontes com o futuro, ou com a esperança de um futuro.”
(GALLOIS ,2002 p.411)

Assim é possível especular que a casa Beira-chão tenha sua forma atrelada a origens muito antigas, e que a casa de Forquilha se situa como arqueologia das reações, às pressões e esperanças de futuros, talvez de muito antes do contato oficial dos Xakriabás (1700) com populações não Indígenas.

TRANSFORMAÇÃO CONTEMPORÂNEA DOS MODOS HABITACIONAIS, DAS TENSÕES INTERCULTURAIS AOS MODOS DE RESISTIR.

Para tratar a experiência motivadora deste trabalho se recorre a um projeto de 2013 quando a Fundação Nacional da Saúde lançou um programa de combate a doença de Chagas e seu vetor, através do que eles definem como melhorias habitacionais. E a partir de duas premissas básicas se propõe essas melhorias.

1) Restauração: reforma de domicílio, visando à melhoria das condições físicas da casa, bem como do ambiente externo (peridomicílio)

2) Reconstrução: caso especial, quando a estrutura da habitação não suporte as melhorias necessárias, a mesma deverá ser demolida e reconstruída.

Se percebe a partir do manual produzido pela FUNASA que se ignorou as importâncias das tecnologias construtivas em seus procedimentos intrínsecos, os processos coletivos, individuais e a cultura envolta. Bem como a adequabilidade das matérias ao clima, a paisagem e suas subjetividades engendradas. Assim é possível refletir sobre como o estudo foi genérico com relação aos povos indígenas, aos povos rurais e povos das cidades, propondo um imaginário de território orientado pelas normativas urbanas eurocêntricas para a habitação.

A reconstrução foi a lógica mais empregada na TIX especialmente na Aldeia Caatinginha, que apresentava naquele momento uma grande contingência de casas de pau a pique (Forquilha). Fato que contribuiu segundo a FUNASA, junto ao desmatamento que historicamente atingiu a região, para a domiciliação do vetor da doença de Chagas. Porém esta contribuição que a FUNASA pontua não está só relacionada à tecnologia construtiva usada mas à qualidade executiva dessa tecnologia, uma vez que a alvenaria mal executada também implica nichos para o vetor da doença de Chagas.

“certas espécies de triatomíneos se adaptam biologicamente à colonização nos domicílios humanos e onde tais domicílios apresentam condições favoráveis para essa colonização, como as casas de pau-a-pique, barreadas, cobertas de sapé, residências de madeira e de tábuas mal ajustadas, apresentando frinchas e frestas que servem de guarida aos insetos. (FUNASA,2006)

Ou seja, o estudo da FUNASA ao se deparar com os tipos habitacionais da Etnia Xakriabá, e mais específico com a Casa de Furquia não se preocupou com as tecnologias construtivas já existentes. E tampouco utilizou métodos participativos que adentrem de fato na realidade dessas pessoas para assim acoplar aspectos semióticos e somáticos dessa arquitetura e desse território.

A casa De forquilha em seu acabamento final possui três camadas de barro, internas e externas, duas de barro Tubatinga (Barro branco) outra apenas no rodapé de um pigmento escuro e a última com pinturas coloridas, de flores, animais e outros motivos: as pinturas de Toá.

“E essa casa é uma casa assim que a gente levanta ela né do chão depois que ela tá toda em pé vem o que nós fala enchimento, porque aqui eles falam de um jeito nós fala enchimento. Aí depois do enchimento né vem os varamentos, e depois dos varamentos aí vai os barros, então a gente consegue levantar ela. Aí depois vem o o o barro branco, é que nós fala barro branco, e ai vem as pinturas de toá e todo mundo participa, e lá no lugar nosso todo mundo faz.” Fala da mestra da construção Xakriabá Dona Lourdes Seixas Evarista, Transcrição de audio do video Retrato das

Mestras Xakriabá, no qual o autor esteve presente na gravação, 4:40 - 5:22, vídeo presente em <http://www.saberestradicionais.org/retrato-das-mestras-xakriaba/>, acessado em junho de 2019.

O Toá mencionado é uma série de pigmentos minerais, encontrados em margens de rios secos da região. E fazem parte, assim como os cantos laborais que são evocados no processo de feitura da Casa de Forquilha dos ciclos Culturais-ecológicos que relacionam o corpo, a arquitetura e o território simbólico material e imaterial do povo Xakriabá.

Os acabamentos em Toá levam em conta uma periodicidade para sua manutenção: as chuvas. Que chegam e apagam os desenhos e retiram o barro branco e o barrado mais escuro, assim como, quando intensas o barro estrutural da técnica pau a pique.

Tal sazonalidade pode ser motivo para atrelar políticas sanitárias/habitacionais de manutenção da construção a políticas culturais, já que as pinturas dizem respeito à sazonalidade das chuvas e a conectividade da cultura com o território e seus símbolos. E através das chuvas e os consequentes reparos as rachaduras também poderia vir a ser eliminadas, com manejos que lidem apropriadamente com as matérias e seus tempos. Possibilidades potentes para se tratar a plasticidade da massa utilizada, suas patologias, e contribuir no processo de prevenção de doenças que possuem insetos domiciliares como vetores.

Tal possibilidade esbarra porém nas normativas referentes à técnicas vernaculares para a construção civil, que ainda estão em processo de normalização no Brasil. O que já orienta o problema quanto as formas de verdades e inverdades do campo do Conhecimento Abissal de Boaventura de Souza Santos e o consequente epistemicídio massivo que ocorre. No qual desde as bases da concessão da ciência moderna ao que é bom e verdadeiro, ou no caso durável e seguro.

Acrescentar outros paradigmas para a política habitacional com a devida consideração com as arquiteturas tradicionais tampouco significa eliminar a possibilidade de projetos implementados em outras técnicas, mas com a adequabilidade necessária para aquele território. Como Maria da Paixão, também educadora indígena, em seu trabalho de conclusão de curso nos adverte:

"As casas que moramos hoje

Para morar é muito melhor

Só que em comparação

Faz tanto calor sem dó " (Paixão, Alves, 2019, p.25)

O município de São João das Missões, no Norte do Estado de Minas Gerais foi pontuado como prioritário na aplicação desta política de “melhorias” habitacionais, nele se considerou também o Território Indígena Xakriabá (TIX). E a Aldeia Caatinguinha, pertencente a esse território foi lida como a mais pobre e necessitada, até pela leitura das casas de pau a pique como sintomas desse quadro e não propriamente do âmbito das tradições.

“Apesar do triatomíneo estar presente em todo o TIX, a aldeia Caatinguinha foi a escolhida em função do quadro de pobreza local, representado inclusive nas condições habitacionais daquele povo, consideradas, por este órgão, como favoráveis à colonização destes insetos.” (SANCHES,2014. P.175)

A população da Aldeia Caatinguinha foi portanto forçada a demolir suas Casas tradicionais pela FUNASA, porém foram táticos quanto a isso: deixaram algumas vezes a estrutura em pé, outras vezes guardaram as forquilhas. Para que logo que a vigília sobre o território titubeasse houvesse assim a reconstrução de suas casas típicas. Essas articuladas ora conjuntamente ao projeto de alvenaria, como num tipo de geminação, ora separadas espacialmente mas conectadas pelos usos.

Fato que leva a crer a importância e necessidade para o povo da Caatinguinha de habitar de acordo com sua cultura. Que leva consigo aspectos intrínsecos a um tratamento relacionado à paisagem que os cerca: como o excessivo calor e iluminação, a necessidade de se cozinhar sem gás e a comunhão do construir e seus diversos processos colaborativos. Porém também leva a crer que os modos urbanos já não podem mais ser ignorados e muito pelo contrário devem ser aprimorados, uma vez que ignorar o contato do povo Xakriabá com o ocidente é refutar uma larga camada histórica que se debruça sobre a etnia.

”Essa diferença entre a casa popular e a projetada pelo arquiteto ainda pode nos ajudar a obter uma percepção das necessidades, valores e desejos das pessoas.” (RAPOPORT, 1969 p.127)

Aspectos que Rapoport também menciona já no primeiro capítulo de seu livro *House Form and Culture*:

“Existem também situações em que os valores sociais têm precedência sobre os avanços tecnológicos. Esse é um ponto interessante, pois tendemos a equacionar os avanços tecnológicos com o progresso sem pensar nas consequências sociais da adoção de tais avanços.” (RAPOPORT, 1969 p.127)

A chegada de projetos que desconsideram aspectos tão relativos às maneiras de morar se mostra violenta quanto a obrigatoriedade da destruição das antigas casas assim como quando estas mesmas são reconstruídas, já que isso é um sintoma que tal destruição foi reativa. As consequências vão além das questões da matéria e afetam também esferas das subjetividades, do imaterial e de sua integração com a questão material. Uma vez a coexistência de ambas as casas há assim uma nova maneira de se habitar, onde cada uma delas possui então sua funcionalidade e manejo.

Ou seja, existe uma relação entre um passado que resiste à sua maneira no contexto presente, e se afirma como importante simbolicamente, no qual sobreposições translúcidas de camadas históricas e interculturais vão acontecendo, algumas vezes sem se importar com as escutas, das vozes e dos espaços e seus anseios. Assim, seguindo o conselho de Rapoport, se toma esta reconstrução das casas como aprendizado.

De como a inserção de novos valores construtivos podem ajudar na percepção das necessidades, dos valores e anseios. No caso a Aldeia Caatinginha contemporânea já lida com questões de vários contextos culturais, em suas matérias e procedimentos, na qual a relação passado-presente e seu arranjo espacial consequente desvela a reação desses povos a respeito dessas intervenções. Essas marcas são consequências, que se assemelham a experiências em diversos povos, de resistência a respeito das imposições ocidentais e os consequentes manejos, dado os contextos, na promoção das identidades tradicionais em seus respectivos territórios.

“Então essa casa é uma casa tradicional né, que lá na nossa Aldeia todo mundo a casa era tudo dessas casas, todas. Aí inté hoje né, que cada um todo mundo tem e as vezes a dos governos, que deu pra nós a casa desta de bloco que a gente fala. mas só que ninguém largou, teve umas pessoas que não acostumou, e construiu, e ficou a mesma coisa, não mudou nada. Cada um usa a técnica, é a mesma coisa.”

(Fala da mestra da construção Xakriabá Dona Lourdes Seixas Evarista, Transcrição de audio do video Retrato das Mestras Xakriabá, no qual o autor esteve presente na gravação, vídeo presente em [http:// www.saberestradicionais.org/retrato-das-mestras-xakriaba/](http://www.saberestradicionais.org/retrato-das-mestras-xakriaba/), acessado em junho de 2019.)



Figura 3 - Casa Xakriabá
Fonte: LISBOA, 2019

Desses atravessamentos, e consequentes marcas, esse trabalho tentou desvelar oportunidades para reflexões críticas a partir de vozes, textos e experiências correlatas sem lamentar a transformação dos modos de habitar da etnia Xakriabá da Aldeia Caatinginha nem ignorar os contatos e a diversidade cultural presente no território da Etnia.

E assim estender a discussão da habitação social para os territórios indígenas, e traçar rumos que partam das necessidades culturais do presente mas que acopla também o histórico que se leva, no qual diversos elementos construtivos juntos fazem outras diversidades habitacionais ainda por desvelar, afastadas do congelamento da cultura e de seus símbolos e firmadas sobre o movimento da cultura, dado contexto de opressão e resistência do passado e suas maneiras de agir para re-existir.



Figura 4 - Tereza e sua casa.

Fonte: - Aatoria Coletiva de viagem a Aldeia Caatinginha, 2019

REFERÊNCIAS

BIZERRA, Edmar., **Moradias Tradicionais Xakriabá**. Trabalho de Conclusão de Curso, Formação intercultural de educadores Indígenas. UFMG, 2018

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CLEMENTINO, MONTE MOR, Alessandro Medeiros, Roberto Luís, Xakriabás - economia, espaço e formação de identidade. In. **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, realizado e Caxambú- MG – Brasil, 2006.

CORBOZ, André. "El territorio como palimpsesto". **Diógenes**, n. 121, primavera de 1983. México, UNAM. Coord. de Humanidades.

FREYRE, Gilberto. **Oh de casa!** Recife, Editora Artenova, 1979

GALLOIS, Catherine. **Wajapi Rena: Roças, Patios e casas**. Rio de Janeiro: Museu do Índio/Apina/CTI/NHII-USP, 2002

GODELIER, Maurice L`appropriation de la nature. Territoire et propriété dan quelques formes de sociétés precapitaliste. **La Pensée**, Paris, n.198, Mars.Avril 1978

PAIXÃO, Maria da paixão, ALVES, Genilson . **Usando as artes para conscientização e sensibilização do uso das novas tecnologias**. Trabalho de Conclusão de Curso, Formação intercultural de educadores Indígenas. UFMG, 2019.

NIMUENDAJÚ, Curt **Mapa Etnolinguístico-histórico de Curt Nimuendaju**, IBGE, 1980.

OLIVEIRA A. R. , **A experiência Xakriabá**. Universidade de Brasília, Brasília 2008 (Mestrado em Antropologia Social)

PORTOCARERRO, José Alonso .B. **Tecnologia Indígena em Mato Grosso**: Habitação, Cuiabá, MT:Entrelinhas, 2010

RAPOPORT, Amos .House Form and Culture, Milwaukee, EUA: **Foundations of Cultural Geography** Series, 1969

RIBEIRO, Berta G. (coord.) Suma Etnológica Brasileira, Tecnologia indígena, edição atualizada do **Handbook of south American Indians**, Petrópolis, RJ: Vozes 1986

SANCHES, Débora C.C. **A produção do espaço no Território Xakriabá**: aldeias Imbaúbas e Caatinguinha, Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

SANTOS, Ana Flávia M. **Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra Indígena Xakriabá**: as circunstâncias de formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras. Universidade de Brasília, Brasília: 1997. (Dissertação de Mestrado em Antropologia)

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, **Novos estud. - CEBRAP** no.79 São Paulo, 2007

SANTOS, R. B. C. **A cultura, o segredo e o índio**: diferenças e cosmologia entre os Xakriabá de São João das Missões/MG. 2010. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Transformação na antropologia, transformação da Antropologia". **MANA** 18(1): 151-171, 2012.